

Aprovada na 1010ª sessão

ALADI/CR/Ata 1006
(Extraordinária)
3 de julho de 2008
Horário: 10h20m às 11h

ATA DA 1006ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA
DO COMITÊ DE REPRESENTANTES

Ordem do dia

O Comitê de Representantes recebe a visita do Presidente da Corporação Andina de Fomento, licenciado Enrique García.

Preside:

JUAN CARLOS OLIMA

Assistem: Juan Carlos Olima, Guillermo Daniel Raimondi, Federico Villegas e Mariana Edith Plaza (Argentina); Marcelo Janko Álvarez e Javier Jiménez Pinaya (Bolívia); Regis Percy Arslanian, José Humberto de Brito Cruz e José Gilberto Scandiucci (Brasil); Camilo Marcelo Navarro Ceardi (Chile); Claudia Turbay Quintero e Cielo González Villa (Colômbia); Marielena Ruíz Capote e Mirna Martínez Ajuria (Cuba); Edmundo Vera Manzo e Ivonne Flores Espinoza (Equador); Cassio Vitale Manuel Luiselli Fernández e Ricardo Lozada Caballero (México); Emiliano Fernández e Hernán Rafael Cáceres Vera (Paraguai); Max de la Fuente Prem, Jorge Antonio Rosado La Torre e Ricardo B. Romero Magni (Peru); Gonzalo Rodríguez Gigena e Raquel María Rodríguez Sanguinetti (Uruguai); Franklin Ramón González, Ramón José París García e Cecilio Crespo (Venezuela); Elvira Barrios (Panamá); Juan José Taccone (BID); Enrique García (CAF); Norberto Iannelli (SEGIB).

Secretário-Geral: B. Hugo Saguier-Caballero.

Subsecretário: Isaac Maidana Quisbert.

Convidados especiais: Danilo Astori, Ministro de Economia do Uruguai; Gustavo Magariños e Didier Operti, ex-Secretários-Gerais, e Embaixador Agustín Espinosa.

PRESIDENTE. Bom dia. Iniciamos a 1006ª sessão extraordinária para receber a visita do Presidente da CAF, Enrique García. Quero destacar a satisfação que não somente esta visita nos dá, mas também a presença do senhor Ministro de Economia do Uruguai, o contador Danilo Astori, amigo desta Casa, e também dos Representantes de Países e Organismos Observadores.

Como Presidente do Comitê, corresponde-me expressar algumas palavras de apresentação de Enrique García. Penso, verdadeiramente, que isso é irreverência, tentar apresentar Enrique García neste âmbito, quando é amplamente conhecido por cada um dos senhores. Mas, quero aproveitar esta oportunidade para expressar a alegria que temos de tê-lo de visita novamente, e, na realidade, quase deveria riscar a palavra de visita, porque é um assíduo e verdadeiro colaborador com todos os trabalhos da ALADI; gostaria de destacar que esta visita é feita em um contexto muito especial, no qual nós, os latino-americanos, temos motivos de alegria e de preocupação.

De alegria porque ninguém da região pode estar alheio ao que aconteceu ontem na República irmã da Colômbia. Penso ser um episódio de indubitável importância, que trouxe muita alegria a muitos. Também temos outros temas que causam uma enorme preocupação como é, de certa forma, a abdicação cultural da Europa, com essa disposição vinculada com a cláusula de retorno; quando digo abdicação cultural, é porque, de alguma maneira, fecha-se um ciclo de um modelo de valores que a Europa sempre foi para a América Latina, e políticas como essa, na verdade, não contribuem para que continue sendo um modelo para a região.

Da mesma forma, há outra quantidade de elementos de preocupação que indicam ser cada vez mais necessário que a região trabalhe de forma conjunta e com um pensamento plural, mas convergente. Nós sabemos que Enrique García sempre trabalhou nessa direção e temos certeza que continuará fazendo dessa forma. Então, tê-lo hoje nesta casa, que é a Casa original, inicial da Integração, não pode ser senão um motivo de imensa satisfação.

Enrique, bem-vindo a esta Casa, que é a sua casa. Ofereço a palavra à Secretaria-Geral.

SECRETÁRIO-GERAL. Obrigado, Presidente.

Senhor Presidente do Comitê; senhor Presidente da CAF; senhor Ministro de Economia do Uruguai, a quem agradecemos muito por acompanhar-nos neste dia na reunião do Comitê, para qual o convidei especialmente, pois consideramos que não é somente relevante a presença do Presidente García na ALADI, mas também no Uruguai, quando, recentemente, este país decidiu ser membro pleno da CAF. Senhores Embaixadores e Subsecretários; senhores ex-Secretários-Gerais, doutor Magariños e doutor Operti; estimados amigos.

Em nome da Secretaria-Geral da ALADI, de todos os funcionários, junto-me às palavras de boas-vindas do Embaixador Olima, que transmitem o nosso sentimento de recebê-lo em nossa casa, Presidente. Todos conhecemos a trajetória da CAF e de seu valioso e bem-sucedido aporte para a condução da mesma e a grande importância da CAF atualmente para a integração de todos nossos países. Ontem nos reuníamos em Tucumán, enquanto estávamos escutando sobre o avanço de nosso processo, estávamos em uma cidade cuja união rodoviária se devia, justamente, pela contribuição da CAF. Isso assinala que realmente a CAF está presente na integração física, que é um dos pilares sobre os quais deveria se sustentar nossa integração, já que temos muitas dificuldades de livre trânsito, muitas dificuldades de comunicação entre nós. Resulta mais fácil de repente ir à Europa ou aos Estados Unidos do que comunicar-nos entre nossas próprias capitais.

Por isso, sua visita aqui é muito importante, Presidente. Para a Secretaria-Geral é uma mostra do desejo de aprofundar a relação, que já foi formalizada por meio de um Memorando de entendimento que o senhor assinou com o Secretário-Geral Operti, e que queremos que se torne realidade.

Nos momentos em que a Associação está afrontando desafios muito importantes para o desenvolvimento de seus objetivos, reunir-nos-emos com os Vice-Ministros de nossas Chancelarias nos primeiros dias de agosto. Pensamos que essa é a ocasião na qual destravaremos as dificuldades que neste momento estamos tendo para concretizar a reunião de Chanceleres e avançar no Espaço de Livre Comércio, que é um mandato recebido de nossos países.

A presença da CAF em nossa Casa, Presidente, por isso é oportuna. Esta tarde, teremos uma reunião de trabalho na qual queremos delinear um plano de estreita cooperação com os senhores, e penso que o que pudermos receber do senhor, Presidente, a visão que puder nos dar sobre o andamento da região, será para todos nós muito útil, já que os Embaixadores aqui presentes, membros do Comitê de Representantes e da Secretaria-Geral, têm o importante desafio de levar adiante o propósito do Tratado de Montevidéu, qual seja, de alcançar uma integração plena entre todos nossos países.

Uma vez mais, Presidente, muito obrigado por estar entre nós. Escutá-lo-emos com muita atenção.

CORPORAÇÃO ANDINA DE FOMENTO (Enrique García). Prezado Presidente do Comitê de Representantes da ALADI, bom amigo, senhores Embaixadores, Representantes dos países-membros, prezado Secretário-Geral, fico honrado que nos acompanhe nesta oportunidade o Ministro de Economia do Uruguai, cumprimento muito cordialmente os ex-Secretários-Gerais. Na verdade, sinto-me em casa, desde que assumi a Presidência da CAF, fiz visitas periodicamente a esta Instituição, a pioneira em matéria de integração latino-americana, e através dos anos fortalecemos as relações e, mais ainda, é um contentamento ver muitos rostos amigos. Assim, sinto-me em minha casa e agradeço muitíssimo a gentileza que os senhores têm em receber-me esta manhã.

Permito-me fazer alguns comentários sobre como vemos a região e, dentro disso, sobre o papel que a Instituição que presido desempenha na América Latina, além de alguns dos desafios que teremos no futuro.

Certamente, ao analisar a economia da região, podemos dizer que os últimos 5 ou 6 anos foram, sem sombra de dúvidas, os melhores da América Latina possivelmente nos últimos 50 anos.

Teremos que encarar uma luz amarela, quase vermelha, no que parecia tão bom e que continuaria *ad infinitum* há um ano. Hoje, pelas dificuldades enfrentadas nos Estados Unidos com a crise, que começou hipotecária, e com as derivações disso na economia real e as implicações na economia mundial, indubitavelmente, coloca-nos um sinal de cautela que deve ser levado em consideração, e sobre o qual comentarei mais adiante.

Mas, se olharmos novamente este cenário dos últimos anos, ¿quais coisas positivas podemos ressaltar?

Em primeiro lugar, olhemos tudo, o crescimento econômico foi o melhor crescimento que a região teve. No ano passado, em média, a América Latina cresceu 5 ou 6%, houve 8 países da região com crescimento superiores a 7.5% ou 8%, o que significa que são crescimentos de tipo asiático.

Segundo, um fenômeno também pouco comum: o crescimento econômico aconteceu em um contexto de processos de estabilidade de preços, com relativamente baixas inflações na região. Outro fenômeno incomum. Em outras etapas da história econômica de América Latina, pode haver tido outros crescimentos razoavelmente altos, mas com desequilíbrios macroeconômicos, que levaram vários de nossos países a situações de inflação ou hiperinflação.

O terceiro elemento, e também pouco comum, com equilíbrios externos muito claros e fortes, traduz-se em uma situação de superávit como média na América Latina na conta corrente de balanço de pagamentos, com casos de países com superávit muito grandes, países que tiveram superávit de 10% do PIB, inclusive cito, por exemplo, um país pequeno, o meu país, a Bolívia, com superávit de conta corrente de 12% do PIB. É algo inédito, pois estamos acostumados a ter um déficit de 6 ou 7%.

Isto significou, ao mesmo tempo, que macroeconomicamente mostrou um comportamento em matéria fiscal muito adequado aos países e uma acumulação de reservas também muito importante. Somente nos últimos 5 ou 6 anos as reservas da América Latina praticamente quadruplicaram. E isto significou outro elemento importante, que é uma condução da dívida externa muito prudente, redelineamento de dívida. Os índices de endividamento dos países melhoraram e, além disso, significou que aqueles países que estiveram ou estão presentes nos mercados internacionais de capital tiveram o benefício de uma redução substancial nas margens que têm que pagar, e em vários dos países houve um aumento substancial nas percepções de risco no sentido positivo com melhoramento nas qualificações.

Esse foi o quadro, então se vemos, isso é muito positivo. Agora, por outro lado, temos que pôr na balança temas que podem ser preocupantes, e faço os parênteses de que, talvez os comentários sobre a conjuntura atual tenham que ser um pouco mais fortes por causa dos temas que estão afligindo a humanidade. Mas, vamos a uma visão de médio e longo prazo.

No positivo, no macro, não há dúvidas: onde a região tem problemas ou diríamos desafios? Um, se nos perguntamos sobre esse comportamento econômico, é bom sempre se perguntar e dizer: isto aconteceu por que nós o estamos fazendo bem, por que outros estão fazendo bem ou por uma combinação dos dois fatores? Bem, é uma conjuntura definitivamente, mas teve muito peso, nesta conjuntura tão favorável, uma conjuntura também extremadamente favorável na economia mundial, até o início da crise dos últimos meses.

Em efeito, também tivemos durante vários anos simultaneamente um cenário onde as principais economias do mundo, os Estados Unidos, teve um crescimento vigoroso e aumento de produtividade até o ano passado. A Europa não o fez maravilhosamente, mas também não fez mal, os japoneses despertaram de uma letargia de muitos anos e começaram a crescer modestamente, mas é a segunda economia mundial, um crescimento, por modesto que seja, traz muitos benefícios. A Europa Central teve um estímulo muito grande e, sem dúvidas, o fator da Ásia, que é um fator extremadamente importante, onde se destaca a Ásia em geral, mas muito particularmente o fenômeno da China e da Índia.

Então isso caiu muito bem, particularmente aos países sul-americanos, os termos de intercâmbio pelos *commodities* teve um aumento de uma enorme magnitude. Então, evidentemente esse foi o fator.

Isso é o positivo. O que é negativo? O negativo é que se formos a uma microeconomia, que é no final do dia a que deve dar o crescimento sustentável de longo prazo, encontramos que aí a região não teve avanços suficientes, e quando falo de microeconomia, posso ir a exemplos muito concretos.

Por exemplo, em infra-estrutura a região tem índices extremadamente baixos. O investimento nos últimos 10 anos não passou de 2.5% do PIB, o que é extremadamente baixo. Simplesmente para comparar, os países asiáticos estão investindo pelo menos 8 ou 9% do PIB, quanto deveria investir a região em infra-estrutura para fechar as brechas? Pelo menos 5 ou 6%, então, esse é um tema.

Outro tema delicado, sem dúvidas, é a vulnerabilidade aos choques externos, que continuam, porque a América Latina é a região do mundo onde há a maior concentração em poucas exportações, sujeita aos ciclos; e esse é um tema que é, mais ou menos, o mesmo que tínhamos quando o doutor Prebisch se preocupou tanto no final da década dos 40.

Outro elemento que é preocupante, não suficientemente avançado, é o tema do avanço tecnológico, o avanço na inovação, o avanço no aprofundamento dos mercados financeiros para poder abrir uma base de desenvolvimento das empresas pequenas, médias e micros. Esses são alguns pontos fracos.

O outro, obviamente, é que, ao haver continuado muito concentrados, de certa maneira, com a recessão de uns quantos países no que seriam as matérias-primas tradicionais, na verdade estamos com uma vulnerabilidade, da qual ainda não saímos, para poder ter maior valor agregado em nossas exportações, maior geração de emprego e, conseqüentemente, ter um padrão de crescimento mais estável em longo prazo.

A parte negativa, que ainda devemos admitir, é que, embora a região tenha feito avanços importantes na redução da pobreza, há cifras da CEPAL interessantes, que mostram que nos últimos 10 anos a redução da pobreza e da indigência foi muito importante, no entanto, não obstante os avanços, ainda um em cada três latino-americanos vive com menos de dois dólares ao dia.

E a parte que é mais séria: a região ainda tem o indicador de distribuição da riqueza menos favorável que em qualquer outra região do mundo. Então, aí eu lhes dou alguns parâmetros.

Agora, no econômico, se comparamos o que aconteceu na América Latina e o que aconteceu no resto do mundo, a Ásia, por exemplo, penso ser algo que os gestores de políticas públicas e de política econômica têm que ver com preocupação. Por exemplo, se vamos a dois ou três indicadores faz 25 ou 30 anos na América Latina.

Um é o comércio internacional no mundo. A América Latina, há 30 ou 35 anos, representava mais ou menos 14% do comércio mundial. Hoje em dia, não chega a 5 ou 6%. Se formos à Ásia, será completamente o oposto. Se formos aos fluxos de capital externo, acontece exatamente o mesmo.

E dois temas dos quais temos que ter consciência. Não obstante os avanços que tivemos, estamos fracos. Um é a poupança e o investimento na América Latina. A poupança média nos últimos 10 anos foi de 18% do PIB, no ano passado, que foi um ano extraordinário, a poupança foi de mais de 22% do PIB, e vejam que nesse 22% estou incluindo casos como o da Venezuela, por exemplo, com um superávit de contas correntes muito alto e uma poupança alta, ou seja, 22%.

Se comparamos isso com outras regiões do mundo, obviamente, é baixo. Eu não diria que devemos pretender poupar o que pouparam os chineses, porque está entre 35 ou 40%, mas sim se deveria poupar mais. No entanto, a parte que mais nos preocupa é que o investimento em proporção ao PIB é baixo. A média de investimento da América Latina está mais ou menos em 20 ou 21%, isso é insuficiente para criar condições de crescimento sustentável. Comparemos novamente os países com maior êxito, a Ásia por, exemplo, investem muito, eu não diria que devêssemos pensar isso, 35% do PIB, mas os países mais bem-sucedidos na região, em seus melhores momentos, estamos falando de um investimento de 25 ou 26% do PIB, e os aumentos de produtividade são elementares.

Esses são alguns dos temas que devem preocupar. Agora me volto a dar-lhes dois ou três sinais, não vou adentrar-me nisso, porque mereceria uma discussão de todo o dia, os riscos maiores que se apresentam na economia mundial.

Penso que anteontem, na reunião da Cúpula do MERCOSUL, observei que houve um momento na discussão dos Presidentes em que, precisamente, o tema foi mencionado. A Presidenta da Argentina fez uma introdução ao tema sobre a situação mundial e os riscos -que penso haver sido muito boa- e contextualizou esse tema e, em síntese: do que estamos falando, quais são os riscos? Os riscos são o tema da situação dos Estados Unidos, é muito mais grave do que se pensava. Isto é, a crise financeira que pensamos que passava, ainda não terminou. E isso tem repercussão em um processo de desaceleração do crescimento econômico nos Estados Unidos. Diria que podemos falar que estamos realmente em uma recessão, coisa que há alguns dias debatemos. E isso tem implicações globais porque significa para América Latina dois efeitos: diretos e indiretos.

Um efeito é a relação com o acesso ao impacto do comércio e o investimento direto com os Estados Unidos. Mas há outro indireto, uma queda substancial na economia dos Estados Unidos tem imediatamente um efeito de curto e médio prazos na China. Se os chineses, em lugar de crescer a 11%, crescerem a 8%, isso definitivamente tem implicações nos termos de intercâmbio e sofre um impacto na região. Esse é um tema.

Segundo tema, muito sério, que também muito nos preocupou, é a energia e o preço do petróleo, pois não se sabe o que pode acontecer, não há controle.

Terceiro, é a crise alimentar que está acontecendo de uma forma muito aguda.

E o quarto é algo que, no mundo e na América Latina, havíamos pensado que estava fora de risco. Novamente, as pressões inflacionárias em âmbito mundial.

Quando se visita os países-membros, as sociedades começam a protestar porque dizem que seu país está tendo inflação que não tinha, mas esse não é o problema de um país, é um problema global e, conseqüentemente, esses quatro elementos colocam um alerta muito sério. Eu não quero ser pessimista, mas diria que as condições da região para o próximo ano e o subseqüente, incluindo o acesso a recursos de fora da região que são fundamentais para poder cumprir com uma meta de investimento do nível que apresentei, serão muito difíceis.

Nesse contexto, o que a CAF faz? Alguns dos senhores que estiveram em apresentações minhas anteriores talvez vejam algumas das mudanças.

Primeiro, a CAF tem certas características que gostaria de ressaltar. É, em essência, praticamente o único organismo financeiro multilateral no mundo que é de propriedade essencialmente de países em vias de desenvolvimento, porque 98% da propriedade do capital está em mãos de 17 países da América Latina e do Caribe. Essa é uma característica.

A segunda característica da Corporação é ser uma Instituição que respeita a identidade dos países, e, nesse âmbito, trabalha independentemente das diversas posições que possam existir na região -que existem-, com lealdade e compromisso na medida que as opções que são apresentadas para nós para apoiar os países tenham sua lógica própria.

Isto é, nós não temos uma carta que diz: olhe a receita do restaurante e é essa; nós dizemos: vejamos, há diversas opções e as respeitamos.

No âmbito do que os senhores conheciam da CAF é um agrado assinalar que, sendo uma instituição essencialmente andina, nascida com a Comunidade Andina, hoje em dia podemos defini-la como uma Instituição da região, e desde a última vez que estive aqui aconteceram muitas coisas importantes na Organização.

A primeira é a mudança no convênio constitutivo da CAF, que permite que países de fora da Comunidade Andina possam ser sócios plenos na medida que forem cumpridos certos requisitos. Nesse sentido, os últimos meses têm sido muito satisfatórios, pois a Argentina, o Brasil e o Uruguai já assinaram sua adesão como sócios plenos da Instituição, e estamos em conversações com o Paraguai e com alguns outros países. Também houve um aumento importante na participação do Chile, e estamos muito avançados em um aumento importante com o México.

Bem, isso significa que pudemos ter um crescimento sustentável importante. Simplesmente, para dar-lhes uma idéia, na primeira vez que estive no âmbito da ALADI, com orgulho lhes dizia que a Instituição havia chegado a 1 bilhão de dólares de ativos; hoje tem 14 bilhões de ativos. Os empréstimos da Instituição para a região eram da ordem de 800 - 1 bilhão; no ano passado emprestamos 6,8 bilhões, e, conseqüentemente, há uma presença importante. Mas, qual é a filosofia da Corporação dentro dessa amplitude? Nós partimos da premissa que devemos impulsionar e apoiar os países em uma agenda de desenvolvimento integral, de onde temos que buscar um crescimento que seja mais forte, mais sustentável e de melhor qualidade.

Melhor qualidade significa criar emprego, ser inclusivo, respeitar a diversidade cultural e o meio ambiente. E para isso, há dois pilares fundamentais que, independentemente do

modelo político que existir, devem estar presentes como uma base de sustentabilidade a longo prazo que a CAF defende: uma é a estabilidade macroeconômica como um sustento básico, e a outra é a sustentabilidade ambiental como um pilar fundamental.

E no meio há três elementos chaves: um é relacionado com a eficiência econômica, o investimento em todas as formas de capital, não somente o capital físico, estradas, minérios, mas sim o capital humano, o capital social e o capital natural; o outro é o aumento na produtividade para a diversificação e a transformação produtiva na região; e o terceiro é a inclusão social como um elemento fundamental.

Nessa linha geral, trabalhamos com os diversos países, tanto no âmbito público como privado, com os Governos nacionais, com os Governos subnacionais, com as empresas grandes, pequenas, onde pusemos uma grande ênfase, porque o fundamento da Instituição está aí: apoiar os processos de integração regional da melhor maneira possível.

E nesse âmbito, gostaria de enfatizar duas ou três áreas nas quais tivemos uma presença muito importante. Eu dizia que uma das falhas da região é a baixa infra-estrutura. Pensar em integração, se não temos uma boa infra-estrutura, é uma utopia, conseqüentemente, nós dedicamos mais de 50% de nossos financiamento ao financiamento da infra-estrutura. E no âmbito da integração, informo que, na América do Sul, financiamos nos últimos 8 anos cerca de 55 projetos de integração regional, que inclui estradas, gasodutos, portos, comunicações, enfim, por um investimento total que supera os 15 bilhões de dólares, dos quais nós pusemos 5 bilhões.

Outro tema que estamos enfatizando muito é o desenvolvimento fronteiriço. Pensamos que a integração parte das fronteiras, apoiamos vários dos países aqui presentes nas suas diversas fronteiras. Estamos trabalhando em programas que visam, não somente no âmbito econômico, mas sim no âmbito social, o desenvolvimento comunitário, a integração cultural, o esporte como instrumento de aproximação entre os povos e temas dessa natureza.

Os papéis destas Instituições, para terem sentido, têm que -como às vezes denomino-, cumprir com “ces”, a letra C. Devem ser instituições que desempenham um papel “Contraciclo”, ou seja, quando chove, necessitamos de guarda-chuvas; quando faz sol, não precisamos dele. O banqueiro tradicional oferece guarda-chuvas por todos os lados quando há sol, mas, quando chove, as pessoas não encontram guarda-chuvas. Nós estamos sempre com o guarda-chuva pronto no momento de chuva. E o bom é que se criou uma consciência de lealdade mútua entre a Corporação e os países, porque sabem que, em bons ou maus momentos, nós estaremos presentes.

O segundo C é de ação “Catalítica”, é a nossa presença que ajude a que outros atores, no plano financeiro, no plano tecnológico, estejam dispostos a participar de iniciativas de investimento e de desenvolvimento dos países-membros.

O terceiro C é a “Criatividade”, não é possível manter-se vendendo o mesmo todos os anos, deve haver a capacidade de adaptar-se às situações que mudam. O que é um produto interessante hoje, amanhã não é mais. Se estas Instituições não têm a agilidade de se modificar, de se reinventar, não têm sentido. O que tento impulsionar é essa mudança dinâmica, permanente,

E o quarto C tem que ser de “Conservador” na condução financeira, porque deve ser auto-sustentável. Vejo aqui meus bons colegas do Banco Interamericano. Eu fui tesoureiro do BID, tinha uma grande sorte, porque, como o tesouro do BID tinha triplo AAA, o *rating*, os mercados me davam os recursos muito facilmente, porque tinha por garantia o capital

Estados Unidos, do Japão, da Alemanha. Em nosso caso, não há isso, se nós não temos uma solvabilidade financeira, não há quem nos proteja. Então, temos que agir com muita seriedade e responsabilidade em matéria financeira, e isso é o que temos fazendo.

Concluindo, quero dizer é uma honra estar nesta Casa da Integração. Neste momento, nossos esquemas de integração tradicionais não estão em seu melhor momento, isto é, eu noto, e digo com toda a franqueza, isso não deve nos desestimular no sentido de pensar que a integração acabou. Não, é questão de paciência e de ir retomando temas e dando o sentido de quais são os pilares que realmente fazem funcionar um processo de integração e isso tomará seu tempo. Mas eu penso que o papel da ALADI é muito importante, porque está em aspectos fundamentais de facilitar o comércio e de ajudar a que esse comércio se realize. Nesse sentido, quero oferecer aqui ao Secretário-Geral e ao Subsecretário todo o apoio para que possamos trabalhar juntos em iniciativas que nos levem a esse caminho.

O segundo elemento que quero apresentar é que me agrada ver que, dos países aqui representados, praticamente todos são membros da CAF, e vários estão fazendo contribuições muito importantes. Alegro-me também assinalar à distinta Embaixadora de Cuba que estamos em conversações preliminares, que espero que sejam concretizadas, para que Cuba também se incorpore à Corporação. Nesse âmbito, nossa presença física também está sendo expandida, estamos com escritórios em Brasília, em São Paulo, acabamos de abrir um escritório em Buenos Aires, em poucos meses mais estaremos com um escritório importante para o relacionamento com os países.

Assim, em resumo, Presidente, Secretário-Geral, querido Ministro, eu lhes deixaria a mensagem, a região está em um momento que está colhendo a boa ação em certas áreas, que evitam o que haveria acontecido há 10 anos se a crise que se vê no mundo tivesse acontecido naquele momento. Se tivéssemos a combinação de crise financeira nos Estados Unidos, recessão, o tema petróleo mais o tema alimentar 10 anos atrás, neste momento o Ministro Astori e seus colegas estariam em um sério problema com programas de ajuste muito severos. Há uma folga que permite passar por este baque razoavelmente bem, mas temos que ter muito cuidado, se isso continua por mais uns meses, evidentemente nossa região terá que enfrentar situações de um crescimento mais baixo, com a implicação que tem sobre emprego e com as implicações sociais que isto traz. Então, eu lhes agradeço muito. Estamos deixando um pequeno folheto sobre a CAF, e também tenho uma apresentação sobre temas econômicos que será circulada.

Agradeço muito por sua atenção e fico às suas ordens, caso tenham qualquer consulta. Muito obrigado.

- Aplausos

PRESIDENTE. Agradecemos muito ao amigo García suas palavras e sua exposição. Seguindo os protocolos tradicionais, convido os Representantes para a fotografia de praxe, por motivo de sua visita. Logo depois, encerra-se a sessão. Obrigado.